

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Maria Eduarda Meneses Gomes

Preservar, revitalizar e musealizar: reflexões sobre o Cais do Sertão no Recife

Bacharelado em Arte: História, Crítica e Curadoria

São Paulo
2023

Maria Eduarda Meneses Gomes

Preservar, revitalizar e musealizar: reflexões sobre o Cais do Sertão no Recife

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Arte: História, Crítica e Curadoria, sob a orientação do Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette.

São Paulo

2023

Para Dante, que ainda não sabe ler.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Álvaro Allegrette, que foi muito paciente comigo e me apoiou nessa pesquisa desde o início, me ajudou a coordenar minha escrita e nunca desistiu de mim.

Sou muito grata também aos membros da banca Prof. Me. Manoel Canada e Me. Nicole Marziale por aceitarem analisar o meu trabalho e a todos os meus professores do curso por me guiarem até onde estou: Dr. Cauê Alves, Dra. Sandra Mraz, Dra. Priscila Arantes, Dra. Sônia Campaner e a eterna Dra. Sônia Régis.

Esse trabalho não seria o mesmo sem o apoio dos meus orientadores de trabalhos passados, Profa. Me. Raquel Schenkman e Prof. Dr. Robson Norberto Dantas, obrigada por me formarem.

Agradeço profundamente ao meu pai Ismael Gomes por me acompanhar na visita ao Cais do Sertão quando eu precisava de fotos para o trabalho mesmo em um momento muito difícil.

Por fim, obrigada a todas que me ajudaram a escrever esse trabalho, seja revisando o que escrevi, me dando apoio moral ou me lembrando dos prazos de entrega: minha mãe Elba Meneses, minha irmã Ana Carolina Gomes e minhas amigas e colegas Mariana Carneiro, Marina Ribeiro, Isabela Watanabe, Larissa Silva, Aline Aliciona e Jade Hardt.

RESUMO

O Cais do Sertão Luiz Gonzaga, museu inaugurado em 2014 na cidade do Recife, está inserido dentro de um contexto urbano complexo na cidade. O centro histórico do Recife recebe três grandes projetos urbanísticos na década de 2010 que ferem o âmago histórico-cultural da região: o Novo Recife, o Porto Novo e o Porto Novo Recife. Esse trabalho se propõe a analisar o contexto geral dos projetos urbanos e qual o lugar do Cais do Sertão na modernização do Porto do Recife; analisando a exposição permanente *O mundo do sertão*, o trabalho busca um olhar novo sobre a expografia do museu.

Palavras-chave: Recife, Cais do Sertão, Projeto Porto Novo, Novo Recife.

ABSTRACT

The Cais do Sertão Luiz Gonzaga, a museum inaugurated in 2014 in the Brazilian city of Recife, is inserted in a complex urban context. The historical center of Recife receives three major urban-planning projects in the 2010's that harm the historical and cultural core of the region: the Novo Recife, the Porto Novo and the Porto Novo Recife. This work aims to analyse the overall context of urban projects and the position of Cais do Sertão in the modernisation of the Port of Recife; by examining the permanent exhibition *O mundo do sertão* (The world of the sertão), the study seeks a fresh perspective on the museum's expography.

Keywords: Recife, Cais do Sertão, Projeto Porto Novo, Novo Recife.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do grande projeto urbano da zona portuária do Recife.....	12
FIGURA 2 – Fóssil de peixe.....	24
FIGURA 3 – Traje de Cangaceiro ao estilo de Lampião.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O RECIFE ANTIGO.....	10
1.1 Os grandes projetos de reestruturação urbana no bairro do Recife.....	10
1.2 O Movimento Ocupe Estelita.....	13
2 O CENTRO CULTURAL CAIS DO SERTÃO LUIZ GONZAGA.....	16
2.1 De armazém à museu.....	16
2.2 O Mundo do Sertão.....	19
2.3 Ocupar.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

O Cais do Sertão Luiz Gonzaga, centro cultural recifense, teve suas construções iniciadas no final de 2010 e sua inauguração em 2014. Durante esses anos, a situação da região onde reside o Cais tem mudado bastante: ondas de projetos urbanos alteram a paisagem histórica do local e a transformam em um shopping a céu aberto.

O presente trabalho analisa o lugar do Cais do Sertão nesse cenário de mudança urbana massiva do centro histórico recifense, fazendo relações entre o projeto do Cais e os grandes projetos urbanísticos no centro histórico do Recife como um todo. Também investiga o conceito por trás do museu através de sua exposição permanente *O Mundo do Sertão* e seus sete territórios temáticos.

A motivação por trás desse trabalho é bem pessoal: durante quase todo o tempo da construção do Cais do Sertão, eu morava no Recife. O meu ensino médio e os anos primordiais da adolescência se passaram durante os acontecimentos desse trabalho. Como sou baiana e na época ainda era muito nova, de início não entendia o tamanho do absurdo que era passar por tantos tapumes de construção e trânsito tão caótico em um bairro que a meu ver na época era apenas uma pequena ilha com casas muito antigas. Não entendia de início, mas daí comecei a ouvir o que um movimento que se chamava Ocupe Estelita dizia, e fui aprendendo mais sobre a cidade.

A inauguração do Cais deu um novo sentido àquela área, a região mais ao norte do Marco Zero – onde fica o Cais – antes era meio vazia e as vezes até mesmo perigosa, e agora um grande museu que presta homenagem a um ídolo querido pernambucano e ao sertão, origem de muitos recifenses, conduz o local. Porém, a inclusão de um aparato cultural dentro do projeto de reestruturação urbana massiva com fama de entregar a cidade à iniciativa privada gera opiniões diversas sobre ele. Aqui exponho alguns desses pensamentos, analisando dentro do contexto da época.

O trabalho se utiliza de muitas notícias de jornais sobre as obras do Cais, o estado atual do museu, os movimentos sociais contra os projetos urbanos do centro histórico, assim como vídeos do próprio Ocupe Estelita e publicações em sites institucionais oficiais.

Para realizar a análise da exposição temporária, fiz uma visita especial para a escrita do trabalho em 2022, permitindo um olhar mais minucioso, além de todas as vezes anteriores que já havia visitado desde a inauguração do museu.

Na revisão bibliográfica, foram utilizados principalmente o trabalho da Maia (2017), que analisa a expografia do museu e teve seu trabalho utilizado no desenvolvimento do site institucional do Cais do Sertão em 2022, o artigo de 2020 de Marangoni e Barbosa sobre a requalificação da zona portuária e a priorização do setor privado pelo poder público nesse quesito, o texto das arquitetas Brendle e Vieira (2012) e sua crítica à construção do próprio Cais do Sertão, o artigo de Medeiros e Sá Barreto (2021), que analisa o contexto histórico recifense e sua cultura política, entre outros.

1 O RECIFE ANTIGO

1.1 Os grandes projetos de reestruturação urbana no bairro do Recife

Entre o Rio Capibaribe e o Oceano Atlântico, o bairro do Recife, mais conhecido como Recife Antigo, encontra-se no coração da cidade homônima. A capital de Pernambuco, como muitas outras capitais litorâneas, se ergueu durante o Brasil colônia a partir de seu porto: o Marco Zero da cidade se encontrava até pouco tempo ao redor de diversos armazéns históricos, dos quais eram utilizados para depósito das toneladas de mercadorias que passavam por navios de carga todos os dias.

Apesar de sua grande importância econômica no passado, o bairro é reconhecido atualmente por ser o centro não somente histórico, como também cultural da cidade; um lugar onde é comum assistir apresentações de grupos carnavalescos, participar de ações culturais, visitar museus e de se ter uma vida noturna animada, sempre com bares abertos e música ao vivo.

Essa mudança histórica de uma região economicamente importante para uma culturalmente relevante na cidade aconteceu principalmente pela abertura em 1983 do Complexo Industrial Portuário de Suape, deixando o Porto do Recife menos significativo para a economia local, e conseqüentemente empobrecendo o bairro, com o aparecimento cada vez maior de cortiços e construções antigas levadas ao abandono.

Mas mesmo sendo considerado um refúgio cultural no meio da cidade, o bairro tem sido alvo de diversas políticas urbanas que por muitas vezes mais prejudicam sua essência histórico-cultural do que cultivam.

No ano de 2000, por exemplo, foi lançado o programa Porto Digital, com o objetivo de potencializar o mercado tecnológico do estado de Pernambuco. Forças da iniciativa privada compreenderam não somente a capacidade, como também a necessidade da região de se ter um polo voltado para desenvolvimento de tecnologia da informação e comunicação, e encontraram no Recife Antigo um local esquecido pelas políticas públicas e com imóveis baratos para a construção de um grande parque tecnológico em uma região central da cidade.

Segundo o site oficial do próprio Porto Digital, dentro desse aglomerado tecnológico existem cerca de 350 empresas que lidam principalmente com “games, cine-vídeo, animação, música, fotografia e design”. O programa utilizou muitas das

construções históricas tombadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para a construção das empresas, criando uma grande onda de restauros em uma área que permaneceu por muito tempo deteriorada por falta de interesse público:

Reconhecido por sua territorialidade singular entre parques tecnológicos, o Porto Digital é um parque urbano instalado no centro histórico do Bairro do Recife e (*sic*) nos bairros de Santo Amaro, Santo Antônio e São José, totalizando uma área de 171 hectares na capital pernambucana. A região, antes degradada e de pouca importância para a economia local, vem sendo requalificada de forma acelerada em termos urbanísticos, imobiliários e de recuperação do patrimônio histórico edificado desde a fundação do parque, em 2000. Desde então, já foram restaurados mais de 138 mil metros quadrados de imóveis históricos. (Porto Digital)

Com isso, o bairro do Recife começa a passar por um grave processo de gentrificação e higienização. A partir desse primeiro projeto, é possível ver que todos os outros seguem a mesma linha: a melhoria estética do bairro para acalantar turistas, empresários e a alta classe recifense. Os restauros feitos são meros produtos decorrentes da higienização, manter a história do bairro não é o foco principal, muitas construções antigas foram demolidas pois eram consideradas complicações para os novos projetos urbanísticos.

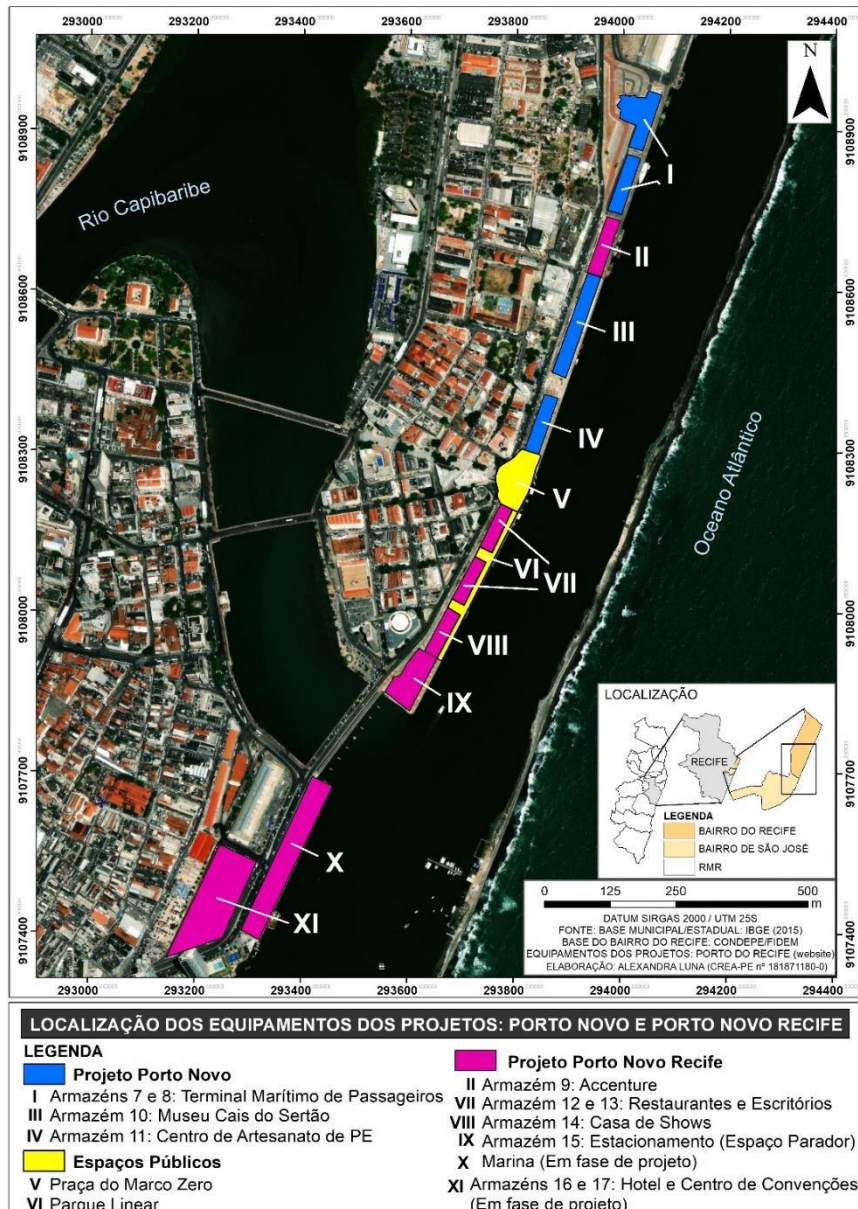
Em meio às obras para a Copa do Mundo de 2014 foram lançados os projetos urbanos Porto Novo e Porto Novo Recife. Ambos os projetos têm como objetivo principal a reorganização da área portuária recifense. A zona portuária do Recife, tão importante era para a economia da cidade, que deu origem a diversos armazéns que após os projetos urbanísticos foram o foco de muito conflito entre o Estado, a iniciativa privada e a população da cidade. Desde a abertura do Porto de Suape esses armazéns foram quase completamente abandonados, por muitos anos esse pedaço da cidade foi esquecido pelo poder público.

O projeto Porto Novo vem da iniciativa pública e requalificou principalmente a área próxima ao Marco Zero, criando não somente o Cais do Sertão Luiz Gonzaga, como também o Centro de Artesanatos de Pernambuco. Pouco mais ao norte foi também criado o Terminal Marítimo de Passageiros, onde se encontravam os armazéns número sete e oito.

O Porto Novo Recife é o braço pertencente à iniciativa privada da modernização da área portuária. Os antigos armazéns em sua maioria foram destinados para este projeto, foram alocados a ele não somente os armazéns 9, 12, 13, 14, 15, 16 e 17,

como também a marina, tomando a maior parte da costa, como mostram Marangoni e Barbosa em seu artigo de 2020:

FIGURA 1 – Mapa do grande projeto urbano da zona portuária do Recife



FONTE: MARANGONI; BARBOSA 2020:3

Observando o mapa é possível ter uma visão clara da divisão desigual da área portuária. O Projeto Porto Novo Recife toma não somente metade da área da ilha do Recife, como também toda a área do porto que se encontra no bairro de São José. Dar toda essa terra da região central da cidade nas mãos da iniciativa privada não agradou a população, uma região onde antes se podia passear sem o objetivo de

consumir, foi pouco a pouco se transformando em um shopping a céu aberto. Uma grande parte desses armazéns viraram lojas, butikues e restaurantes franquizados.

Os programas Porto Novo e Porto Novo Recife não estavam sozinhos na luta pela higienização do centro histórico do Recife. Em 2012 foi lançado o Novo Recife, na vanguarda dos projetos que trazem “novo” no nome, foi o projeto de reestruturação urbana com maior crítica popular.

Esses projetos alavancaram ondas de protestos contra os movimentos de gentrificação da área que, quando bem-intencionados, se utilizavam da revitalização dos prédios históricos como motivação para realizar políticas higienistas no local e quando não, apenas derrubavam tudo.

A mais célebre dessas organizações populares foi o Movimento Ocupe Estelita. Logo ao ser apresentado o Projeto Novo Recife em 2012, debates e discussões sobre o plano se difundiram pela população local, que questionavam se era o ideal a revitalização de um local desprezado pelo poder público através da destruição de patrimônios históricos – armazéns de açúcar, estação de trem e os trilhos – e a construção de 12 torres de luxo em seu lugar.

1.2 O Movimento Ocupe Estelita

A região central da cidade do Recife recebe um grande projeto de reestruturação urbana em 2012 com o anúncio do Novo Recife. Concomitante aos projetos de reestruturação dos armazéns perto do Marco Zero, o Novo Recife com a construtora Moura Dubeux procura derrubar um grande terreno no bairro de São José – vizinho do bairro Recife – onde se encontram grandes armazéns de açúcar e a segunda linha de trem mais antiga do Brasil, que levava e trazia mercadorias para o Porto do Recife.

A área em discussão compreende um terreno de 10,1 hectares entre os dois conjuntos de galpões ao longo do Cais José Estelita – do início do Cabanga ao viaduto das Cinco Pontas, que passa por cima do forte de mesmo nome. De acordo com o coordenador do projeto encabeçado pela construtora Moura Dubeux, Eduardo Moura, 6,5 hectares serão destinados à construção de 12 edifícios – oito residenciais, dois empresariais e dois hotéis. Ele afirma que 30% desse espaço será verde. (Markman 2012)

Pelo tamanho da área e natureza do projeto, as ondas de críticas e protestos contra a grande obra logo cresceram e se organizaram. O Movimento Ocupe Estelita então se formou, criando ocupações e atos no local.

As manifestações geravam debates políticos sobre a cidade e para quem ela servia, a máxima “a cidade é nossa, ocupe-a” logo se tornou o canto principal do grupo. Entre o anúncio do projeto em 2012 e os jogos da Copa do Mundo de 2014, o Ocupe Estelita virou um grande fenômeno na cidade, sendo o centro de debates e aulas, tendo shows de artistas famosos e atividades para a comunidade.

No mesmo local onde um dia acadêmicos palestravam sobre o direito urbano e movimentos sociais, em outro Criolo puxava um coro de “doze torres no cais / doze torres a mais / erro das estatais / sangue jorra no cais” (Ocupe Estelita jul. 2014). Bueno escreve sobre a força cultural do Ocupe Estelita e entrevista uma das integrantes do movimento, Liana Lins, em seu artigo de 2014:

O Ocupe Estelita não é apenas um movimento social, é também cultural. O grupo tem chamado a atenção e recebido apoio de diversos artistas, como Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Kléber Mendonça, Nação Zumbi e Xico Sá. Mas não é só isso: com o apoio estrutural do Som na Rural, projeto de música itinerante da capital pernambucana, o movimento conseguiu levar nomes da cena musical de Recife, como Karina Buhr, Otto e Lirinha, para fazer shows de graça no cais que atraíram mais de 10 mil pessoas. “Além dos shows, tivemos oficinas de haikai, poesia, malabares, confecção de livros. Oferecemos 'aulões' ministrados por professores universitários; debates; apresentações de maracatu, capoeira, blocos de carnaval”, conta Lins. (Bueno 2014)

Por dois anos os moradores do Coque, comunidade que se encontra ao entorno do Cais Estelita, tiveram a oportunidade de participar de um fenômeno cultural riquíssimo do lado de suas casas. A comunidade se tornou um dos elementos principais das ocupações; a moradora do Coque Valdimarta Lino explica o Novo Recife no vídeo *Recife, cidade roubada* (2014) do Ocupe Estelita e relata sobre a situação do local:

“A gente, que somos do Coque, nós que somos pobres, nós que somos da periferia, não vamos ter espaço naquele lugar [*Novo Recife*]. Você se vê brincando com seus filhos, num parque que foi feito exclusivamente para filhos de filhos da elite? Você não se vê, gente. Os governantes e o poder público estão direcionando as suas prioridades para as pessoas que têm poder aquisitivo maior, e na verdade esquecendo o déficit habitacional que existe na cidade do Recife, que já é muito alto; chega hoje em 65 mil habitantes.” (Ocupe Estelita nov. 2014)

Lino vai então falar sobre como o terreno antes era público e deveria servir à população, que ele deveria amenizar o problema de falta de habitações dignas para os pobres, para quem precisa. O Recife, como qualquer capital brasileira, é muito estratificado economicamente e não contempla a população de baixa renda em seus planos urbanísticos. O pensamento dos governantes é sempre no novo, no empreendedor, nas empresas de tecnologia, nos milionários, nas grandes construtoras, nas suas grandes parcerias público-privadas, quase nunca na população, muito menos na população pobre.

Medeiros e Sá Barreto dialogam sobre as ocupações em seu artigo de 2020 sobre o Movimento Ocupe Estelita e narram como a força policial utilizou os dias de jogos da Copa do Mundo para promover operações de reintegração de posse dos galpões. Como o artigo 56º da Lei 12.663/2012 declarava feriado nacional os dias de jogo e davam respaldo legal para a força policial reprimir tudo que eles pudessem considerar como um risco ao grande evento da Copa do Mundo – além das ruas da cidade estavam vazias –, aquela era uma oportunidade única para a reintegração do terreno.

Os poucos participantes do movimento que ali estavam no dia 17 de junho de 2014 foram feridos pela polícia, receberam tiros de bala de borracha e gás lacrimogênio no rosto e não foram o suficiente para impedir a destruição dos seus acampamentos. (MEDEIROS; SÁ BARRETO 2020:11-12)

Apesar da truculência, o movimento conseguiu fazer mudanças no projeto para uma versão levemente mais humana, conseguiram tempo para forçar um diálogo entre a população e a Moura Dubeux. Mas muito além disso, o Ocupe Estelita realizou um grande trabalho de conscientização sobre o direito à cidade, deixando clara a importância da participação dos cidadãos nos projetos que definem o futuro de suas cidades.

2 O CENTRO CULTURAL CAIS DO SERTÃO LUIZ GONZAGA

O espaço propõe instituir um novo paradigma de sítio museológico, cultural e educacional, tornar-se centro de referência, articulador de parcerias envolvidas na propagação de um eixo cultural e educacional do litoral ao interior da Região Nordeste. Na perspectiva de atender um grande público, as atividades desenvolvidas visam a harmonização dos visitantes a partir de uma experiência única, com rebatimento de cunho intelectual e pertencimento afetivo à cultura nordestina. (História do museu)

2.1 De armazém à museu

Com 7.500 m², no lugar do antigo armazém número 10 do Porto do Recife, foi construído o Centro Cultural e Museu Cais do Sertão Luiz Gonzaga. A obra foi integrada ao projeto Porto Novo, feita não somente para a revitalização da área, mas também como um centro cultural para atrair cada vez mais o turismo na cidade.

O projeto ficou em mãos da Brasil Arquitetura, escritório que foi também o responsável pela Praça das Artes de São Paulo e o Museu Rodin da Bahia. As obras se iniciaram no final de 2010, nessa época o Presidente Lula se despedia do seu segundo mandato. Em 29 de novembro foi feita a cerimônia de início das obras, contando com a presença do presidente e o então ministro da cultura Juca Ferreira, que fez o seguinte discurso sobre o Cais:

[O Cais do Sertão é] uma homenagem a um dos maiores artistas brasileiros: o grande pernambucano Luiz Gonzaga, que na década de 50 foi o artista mais popular do Brasil e botou o nordestino e o pernambucano no imaginário do povo brasileiro de uma maneira extremamente positiva. Sem ele certamente a geografia afetiva e simbólica do Brasil seria absolutamente diferente. (CanalGov 2010)

O museu, apesar de apresentar em seu nome Luiz Gonzaga e montar toda sua exposição permanente ao redor do Rei do Baião, não tem o seu fim no músico. A fala do ex-ministro soteropolitano expõe o propósito maior do Cais, que assim como Gonzaga, vai além do baião; se torna um meio de disseminação da cultura nordestina para o resto do país.

Trazer o sertão para o litoral se torna, então, o foco principal na construção do museu. Elementos que evocam a caatinga se tornam centrais na arquitetura: no vão livre de 25m² na entrada do museu está plantado um grande Juazeiro, árvore presente em todo o semiárido brasileiro, famosa por nunca perder suas folhas e estar sempre verde, uma alegoria para todo o Nordeste.

O próprio concreto armado foi pensado para se assemelhar com o ambiente sertanejo, carregando a pigmentação ocre que cobre tanto o solo, como muitas das plantas da caatinga. Mas nada na aparência externa do museu é tão característico da região quanto um dos maiores legados recifenses: o cobogó.

Os cobogós gigantes cobrem toda a área do Módulo 2 do museu, incluindo a área do vão livre maior de 56m², dando a aparência de estar coberto por um grande lençol de rendas brancas quando visto de longe. Ao chegar mais perto, é possível ver que as separações de cada cobogó tomam um formato visto em toda a caatinga e que se torna símbolo do museu, cada peça forma um grande mosaico que pode ser visto tanto como a terra ressecada do semiárido, quanto as raízes e ramos das árvores nativas da caatinga, pois muitas perdem suas folhas.

Na postagem sobre o Cais do Sertão na plataforma online de arquitetura *ArchDaily* – site que reúne projetos arquitetônicos ao redor do mundo como fonte de pesquisa para milhões de arquitetos de diversos países –, é possível ver a intenção do escritório Brasil Arquitetura por trás da ideia de cobrir o museu com um lençol rendado de cobogós:

Mas o mais simbólico elemento da arquitetura é o cobogó gigante, criado especialmente para o projeto. Nada mais justo do que o uso do cobogó nas construções do Recife, cidade onde ele nasceu, pelas suas características de amenizar a relação dos espaços interior/exterior, criando um filtro de luz para os de dentro que miram a paisagem por entre “galhos”, e uma “doce e amaciada” visão para os de fora, os transeuntes que cobiçam o dentro. Nosso cobogó executado em concreto geopolimérico deverá funcionar como uma grande renda branca bem alva sobre o concreto estrutural amarelo, lembrando a galhada da caatinga, ou as rachaduras de solo seco. Este forte elemento é a logomarca do Cais do Sertão. (Brasil Arquitetura 2018)

A decisão de formar um exoesqueleto de cobogós recifenses em formato de solo da caatinga foi a escolha ideal para a formação de um museu que se propõe a fazer a união do sertão com o mar. A poética da decisão não passa em branco pelo escritório; a descrição do Cais, escrita pela própria Brasil Arquitetura, termina:

Ao apresentar a vida sertaneja em um moderno equipamento à beira mar da metrópole pernambucana, o museu procura abrir os olhos de todos os brasileiros para o universo fantástico, ao mesmo tempo rico e pobre, trágico e festivo, violento e poético de grande parte da população que habita esta vastidão territorial chamada Sertão.

O resultado é um edifício que revela, metaforicamente, de diversas maneiras – ora sutis, ora contundentes –, os principais eixos temáticos da museografia. O Cais do Sertão tem propiciado a seus visitantes uma experiência acolhedora, de caráter único, ao mesmo tempo intelectual e afetivo. (Idem)

Podemos ver então que o Cais do Sertão toma a forma de uma mescla do que existe de mais tradicional em duas faces culturalmente muito ricas do estado de Pernambuco, o sertão e a cidade se unem no beira-mar.

Apesar da vasta pesquisa cultural que foi feita, o fato de que mais um armazém histórico havia sido destruído para a construção do museu não foi muito bem recebido pela população, que estava em meios aos protestos do Cais José Estelita na época das obras do Cais do Sertão. A promessa do porto modernizado e desprovido de qualquer traço cultural ou histórico regional deixou com um sabor amargo a menção de qualquer obra revitalizadora da região.

O prédio do Módulo 1 do centro cultural tem as mesmas dimensões do armazém que antes ali residia. Muita gente questionou a necessidade da demolição neste caso, mas a decisão de se manter as dimensões foi justamente para não modificar muito a paisagem do bairro e manter na memória a construção que antes existia ali, já que estruturas antigas não são ideais para um projeto moderno de larga escala como o museu. Para a Brasil Arquitetura não cabia, nessa obra específica, fazer um processo de restauração ou algo semelhante.

Durante o XIV Seminário de Arquitetura Latino-americana em novembro de 2011, ainda em meio às obras, as arquitetas Dra. Betânia Brendle e Dra. Natália Miranda Vieira apresentaram um trabalho – publicado no mesmo mês do ano seguinte – que cita as obras do Cais como uma “destruição travestida em ação de conservação”. Brendle é especialista em restauração de monumentos históricos e revitalização de centros históricos e Vieira é doutora em desenvolvimento urbano, elas levantam o ponto de que: “Os antigos armazéns do Porto do Recife representam não uma expressão arquitetônica isolada, mas uma composição espacial de um conjunto ambiental que absorvendo as atividades e práticas socioculturais conferiram a identidade portuária ao Bairro do Recife, portal marítimo da cidade do Recife”. Sendo assim, a demolição dos antigos armazéns seria uma destruição do tecido do antigo bairro como um todo.

As arquitetas defendem em seu artigo de 2012 que a inserção de componentes arquitetônicos modernos em meio a áreas patrimoniais não é o problema, mas sim especificamente a demolição de edifícios antigos – mesmo que modestos e sem valor artístico – para a edificação de novos prédios no lugar. Brendle e Vieira afirmam que não se teve um estudo completo de toda a área do bairro para a construção do museu,

que muito provavelmente o local já havia sido escolhido antes mesmo de contratarem o escritório de arquitetura para realizar a obra. Essa falta de cuidado em observar a área causou um grande questionamento, já que em frente ao Cais existe uma lacuna urbana, o pátio do moinho. Esse pátio, segundo as arquitetas, seria uma brecha no conjunto urbano que ali se encontrava, podendo ser o local de construção do Cais, não havendo a necessidade de demolição da malha histórica do bairro e proporcionando o investimento cultural que o museu traz.

Quando o Porto do Recife ainda era o principal desembarcadouro da região, o bairro inteiro funcionava como uma grande indústria para mercadorias do porto: em 1914 foi fundada a S. A. *Grandes Moinhos do Brasil*, construindo um grande moinho de trigo, que chegavam em grãos ao porto para serem devidamente processados, esse moinho se encontrava na frente de onde hoje está o Cais do Sertão.

Em 2011 quando o artigo foi apresentado, as instalações do moinho seguiam desativadas e abandonadas desde a transferência das atividades de moagem para o Complexo Portuário de Suape. Porém, o terreno foi vendido em um leilão privado em 2016. Em 2023 pode-se ver o *Moinho Recife Business & Life* em seu lugar, um complexo residencial e empresarial *retrofit*, inserido no parque tecnológico do Porto Digital. O imóvel leva o título de *retrofit* por reformar os antigos silos e os transformar em dois edifícios residenciais que, em junho de 2021, foram lançados os projetos “para atender a urgência e a demanda crescente por moradia dos profissionais no Bairro do Recife”, segundo a empresa de análise de dados demográficos *Urban Systems* (2021). A empresa encarregada das reformas é a mesma do Cais Estelita, a Moura Dubeux continua com seus projetos na região, apesar dos protestos. Com o aumento das empresas de tecnologia do Porto Digital, a iniciativa privada encontra a solução perfeita para a falta de residências do bairro no antigo moinho.

2.2 O Mundo do Sertão

Em seu texto-base, escrito pelo antropólogo e poeta baiano Antônio Risério, o Cais do Sertão se propõe a ser um centro cultural baseado em três eixos da vida do artista Luiz Gonzaga, listando-os: 1 – Luiz Gonzaga: o meio cultural; 2 – Luiz Gonzaga: a intervenção cultural; 3 – Luiz Gonzaga: o legado cultural. Isso significa que: “O CAIS DO SERTÃO LUIZ GONZAGA deve ser concebido e construído então – em termos arquitetônicos, museográficos e tecnológicos – em função da própria obra do

homenageado. Não em sentido largo e frouxo, mas em sentido preciso”. (RISÉRIO 2012:5)

O Luiz Gonzaga se torna o centro das discussões do Cais, e o museu funciona do mesmo jeito que o Rei do Baião; entre o tradicional e o moderno. Gonzaga em sua época utilizou das mais altas tecnologias para espalhar suas músicas pelo Brasil inteiro. Desde sua primeira concepção no texto-base, o museu se compromete a ser um espaço *high-tech*, onde o imaginário tradicional do sertão se encontra com componentes tecnológicos modernos para melhor acesso do público à história a ser contada.

O Módulo 1 do Cais do Sertão é inaugurado em 3 de abril de 2014, exatamente onde antes se situava o armazém número 10, nessa parte primária do projeto se encontra toda a exposição permanente sobre o Rei do Baião Luiz Gonzaga, intitulada *O Mundo do Sertão*. Com curadoria da socióloga e cineasta pernambucana Isa Grinspum Ferraz, a exposição foi pensada como um espaço tecnológico e interativo de conhecimento e convivência sobre o Nordeste. Ferraz escreve em um dos textos de parede da exposição:

Na beira do mar do Recife, a rica seiva que brota do chão seco do sertão e de sua gente ressurgem com vigor em toda sua riqueza, diversidade e complexidade.

A terra de Dominginhos e João Cabral de Mello Neto, de Ariano Suassuna e Chico Science, de Gilberto Freyre e Cícero Dias, de Manuel Bandeira e Capiba, sai na frente mais uma vez. Aqui, agora, o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão. Um belo presente que Pernambuco oferece ao Brasil (Ferraz 2014)

Logo na entrada do museu, ainda na bilheteria, é possível ver uma grande vitrine com as roupas e os chapéus de couro ao estilo do cangaço de Luiz Gonzaga, além de algumas de suas sanfonas. São originais e réplicas muito bem trabalhadas e a vitrine funciona como uma grande separação entre a bilheteria e a exposição em si, não precisando de paredes.

Ao cruzar a vitrine, existe um grande espaço com sofás e uma sala fechada do outro lado. A exposição sempre começa com um vídeo de 16 minutos em uma sala arredondada com três telas diferentes, intitulado *Um dia no sertão*, de Marcelo Gomes (2013). Esse curta utiliza das três telas ao mesmo tempo para mostrar o cotidiano de uma região do semiárido pernambucano chamado Sertão do Pajeú. O formato da tela, as dimensões da sala e o ângulo dos assentos faz parecer que a pessoa está lá no

Sertão do Pajeú também, a imersão foi o ponto central da sala. O filme mostra o cotidiano real da atualidade sertaneja, onde os jumentinhos nordestinos não são mais figurantes, já há muito tempo postos de lado pelo favorecimento das motocicletas.

O *Mundo do Sertão* se divide em sete territórios temáticos: Ocupar, Viver, Trabalhar, Cantar, Criar, Crer e Migrar. Cada um desses territórios se refere a questões da vida do sertanejo. O visitante pode caminhar livremente por todos eles, fazendo seus próprios percursos, explorando as diversas faces do sertão espontaneamente. Um riacho completo com peixes que representa o Rio São Francisco corre desde o início da exposição até o final dela, existem diversas pontes onde as pessoas podem atravessar as águas para acessar os territórios e passar por eles.

O território principal da discussão desse capítulo é o *Ocupar*, mas, antes de compor sobre ele, faremos um esboço sobre os demais territórios.

Dentro da exposição está construído um modelo de casa sertaneja, com paredes e tudo – o território *Viver* traz a típica casa da avó sertaneja, completo com oratório e suas imagens católicas junto com lemanjá, com vassoura de palha e máquina de costura antiga. Painéis, velas coloridas Cosme e Damião usadas por cima da mesa e santinhos de igreja: o dia a dia do sertanejo se apresenta para o público numa casa singela.

Em *Trabalhar* é possível ver os diversos instrumentos de trabalho do sertanejo; as ferramentas e artigos de um vaqueiro presos nas paredes, os moldes de um sapateiro livres para inspeções do público e uma instalação multimídia onde é possível ver esses objetos em uso.

Cantar é o território da vida e música de Luiz Gonzaga. No início do *Mundo do Sertão* existe um espaço composto pelo que parecem ser muitas caixas, uma em cima da outra, é o que chamam de DNA do baião. Nessas caixas existem informações sobre a vida do Gonzaga, a música que ele tocava, a importância dele na época. Essa apresentação dele se dá por textos e fotos coladas nas caixas, artigos sobre Gonzaga nos jornais da época e vídeos que tocam por toda a instalação. Lá é possível ouvir entrevistas e apresentações do Rei do Baião em rádios e programas de TV, inclusive essa é uma essência do Luiz Gonzaga, um dos muitos textos de parede desse território diz: “Luiz Gonzaga foi o primeiro produto industrial que o Nordeste exportou.”

Existem duas salinhas ao lado da sala principal da exposição que complementam esse território, a primeira se chama *Túnel das origens* e a segunda *Túnel dos novos baiões*. A primeira sala mostra projeções de estilos e músicas que

ajudaram a formar o que hoje conhecemos como baião, e a segunda mostra vídeos de bandas, grupos e artistas diversos que beberam do baião para formar suas composições.

Em *Criar* existe um mar de artesanato sertanejo. Uma instalação grande de bonecos de madeira chama a atenção, a obra toda está intitulada como *Bonecos elétricos, uma invenção brasileira* de 1976 pelo Mestre Solon Alves de Mendonça (1920-1987). A obra mostra toda uma vila de bonecos que se mexem sozinhos e lê-se ao fundo: “Os bonecos que: trabalham, viajam, dançam e canta”. Esses bonecos têm motivos nordestinos, como o grupo de cangaceiros ou os moedores de farinha de mandioca, eles foram criados como um entretenimento móvel para crianças do Nordeste. O mestre de mamulengo Solon fazia os seus bonecos e viajava pelas cidades do interior com seus shows, o seu teatro de bonecos *Mamulengo invenção brasileira* de 1937 entreteu muitas crianças da época (CNFCP 2014). Mais tarde ele automatizou o processo e criou esses bonecos mecânicos que se movem sozinhos, mas não deixou de fazer e apresentar seus mamulengos.

O *Bosque santo* e o *Túnel do capeta* fazem parte do território *Crer* e utilizam da superstição dos transeuntes para evocar reações diversas. O túnel é um longo e grande monstro espelhado que se situa mais ao fundo da exposição, mas é tão anacrônico e chamativo em relação ao resto das obras que muitas vezes as pessoas partem direto para ele e quando entram são bombardeadas com sussurros dos vários nomes para o diabo que se usa no Nordeste em seus ouvidos. O túnel é construído de uma maneira onde os sons que ele emite parecem estar vindo de alguém perto do ouvinte e os diversos espelhos são postos em diferentes ângulos, complementando com imagens em vídeo das próprias pessoas assistindo de pontos de vista diferente.

Um grande painel com 60 matrizes de xilogravura com uma impressão de J. Borges intitulada *Ir e vir* (2013) e uma instalação multimídia com relatos de retirantes sertanejos compõem o território *Migrar*. As matrizes contam a saga nordestina de fugir da seca e do sertão rumo ao litoral ou ao sudeste e mostra as construções famosas de outras regiões do Brasil e quem as construiu.

2.3 Ocupar

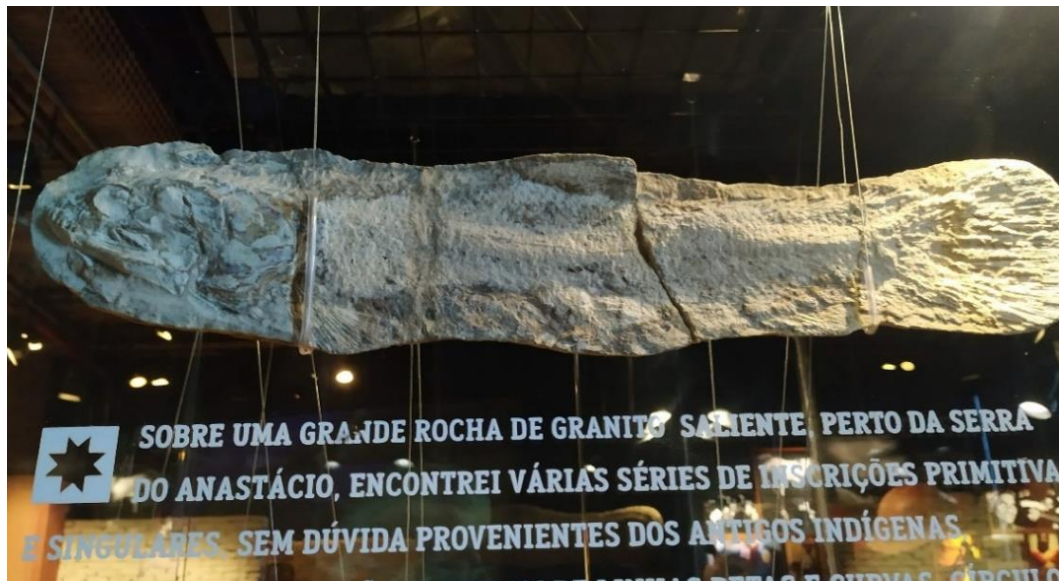
No território *Ocupar* se encontra uma obra de 2013 de Leandro Lima, Gisela Motta e Ricardo Mendes, intitulada apenas como *Maquete da caatinga*, é uma grande

maquete topográfica de todo o mapa do nordeste, feita de madeira, gesso e fórmica, onde projeções audiovisuais são programadas para aparecer sobre o mapa. Nessa obra, as projeções mudam o cenário do nordeste, fazendo chover na região, flores nascerem, pegadas saírem do sertão ao litoral, as imagens fazem as pinturas das cavernas nordestinas pintarem a região por completo e dinossauros de milhões de anos antes do primeiro sertanejo fincar os pés ali aparecem novamente. Textos são reproduzidos no oceano do nordeste, como: “Você sabia que o Brasil tem o semiárido mais populoso de todo o planeta? / Atenção. Quase metade da região da caatinga nunca foi estudada pelos cientistas. Só o povo a conhece. / Você sabia que há milhares de anos pés de gente pisavam o mesmo chão em que hoje pisamos? / Grafismos milenares e painéis de pinturas pré-históricas iluminam o passado mais remoto do Nordeste. / Não perca. Exposição de arte abstrata nos cânions do São Francisco. Em cartaz... há três mil anos.”

A obra de Lima, Motta e Mendes mostra como o Nordeste é uma região com história rica e povos que a ocupam a milhares de anos. A caatinga não é um local somente de seca e morte, onde todos sofrem por viver sob um clima opressivo. Segundo o IPHAN, existem cerca de 4.767 sítios arqueológicos no Nordeste, sendo a maior concentração deles na área da Chapada Diamantina na Bahia. O homem anda e se assenta livremente pela caatinga há milhares de anos.

Aliás, não somente o homem. O território *Ocupar* também traz alguns fósseis de peixes; antes do sertão ser sertão, ele era mar:

FIGURA 2 – Fóssil de peixe

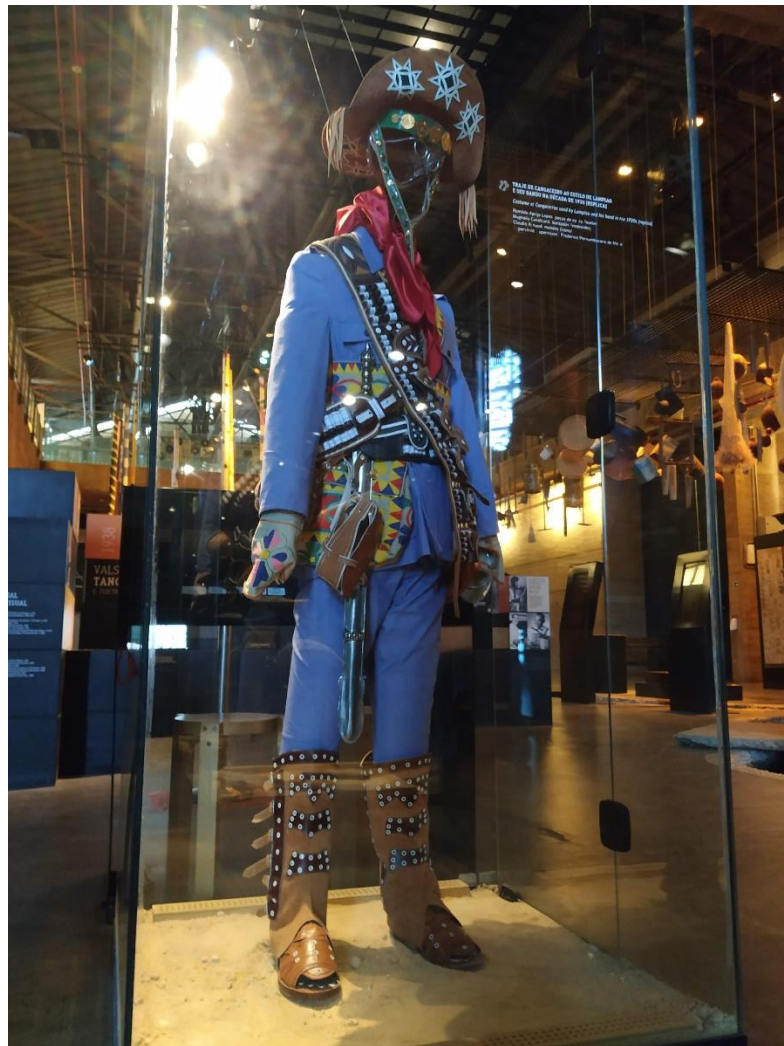


FONTE: autoria própria, julho de 2022.

A decisão de acrescentar fósseis na exposição amplia o escopo do sentido de “ocupar”, estando muitas espécies no mesmo ambiente, peixes também ocupam esse espaço há milhões de anos. De acordo com os textos de parede na exposição, esses peixes são de um dos maiores depósitos de fósseis do mundo; a Chapada do Araripe – sítio paleontológico entre o Ceará, Pernambuco e Piauí e são parte do acervo do Museu de Paleontologia da Universidade Regional de Santana do Cariri (CE).

Além de toda a sua fauna e flora, a Caatinga é o lar de uma das figuras que mais divide opiniões do país: o cangaceiro.

FIGURA 3 – Traje de Cangaceiro ao estilo de Lampião



FONTE: autoria própria, julho de 2022.

Essa é uma réplica de um traje de cangaceiro ao estilo de Lampião e seu bando na década de 1930. A peça foi bordada por Magnolia Cavalcanti, com peças de couro por Romildo Aprijo Lopes e moedas de Cláudio Arnaud.

O cangaceiro não poderia faltar de uma exposição sobre o sertão e Luiz Gonzaga. As vestes do cangaceiro sempre foram motivo de orgulho para eles, se vestir bem e com adereços diversos era importante no cangaço. Um fala de Gonzaga em 1987 decora uma das paredes da exposição: “Telegrafei para minha mãe, pedindo que me enviasse um chapéu de couro bonito, lembrando Lampião. Quando o chapéu chegou, eu botei na cabeça... me senti um lorde!”.

Por muito tempo o cangaceiro foi considerado como um símbolo não somente da caatinga, mas de todo o Nordeste pelo resto do Brasil. O cangaceiro foi descrito

por muitos como o homem bruto, violento e orgulhoso, uma peça a mais na construção do imaginário popular sobre o que seria o sertão, Maia fala mais sobre essa criação:

Nos primeiros anos da colônia, os colonizadores se concentraram no litoral, construindo aí os núcleos urbanos importantes. Assim, observa-se que, para se construir a categoria “sertão”, precisou-se também construir a categoria “litoral”, as quais são ao mesmo tempo opostas e complementares. Opostas, porque uma expressava o reverso da outra: litoral (ou “costa”, palavra mais usada no século XVI) referia-se não só à existência física da faixa de terra junto ao mar, mas também a um espaço conhecido, delimitado, colonizado ou em processo de colonização, habitado por outros povos (índios, negros), mas dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura e da civilização; “sertão” designava não apenas os espaços interiores da Colônia, mas também aqueles “espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não havia chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura. (Maia 2017:21)

É entre esse imaginário e o real onde se encontra o sertão, nas lendas de Lampião e seu bando e nas histórias sofridas da seca. O Cais do Sertão trouxe tudo isso para o litoral, desde as histórias reais de retirantes até o túnel do capeta com os medos e superstições de todo um povo.

O projeto do Cais acabou sendo muito bem-sucedido, a aceitação da população foi grande, o público mais velho que reconhece no museu o espaço onde cresceu se sente representado e orgulhoso de suas origens, enquanto os mais novos aprendem sobre o sertão de um modo tecnológico e interativo que antes não era possível. (MAIA 2017:37)

Tanto turistas quanto moradores do Recife apreciam a importância do Cais do Sertão, ele serve como um aparato importante para a disseminação da cultura nordestina para o mundo, assim como foi Luiz Gonzaga. As obras no bairro do Recife precisavam de um toque humano e cultural no meio de tantos prédios empresariais, restaurantes chiques, empresas de tecnologia e torres para os ricos.

Apesar do centro cultural ter sido um sucesso, ao passar dos anos o Cais do Sertão vem sendo abandonado pelo poder público. O estado de conservação do museu atualmente é descabido.

Em agosto desse ano (2023) o Bom Dia PE transmitiu uma matéria sobre o Cais e como ele está desprezado. São coisas pequenas que com o tempo se tornam problemas grandes e sérios: lâmpadas queimadas, textos de parede indecifráveis pois descolaram, totens sem funcionar, túnel do capeta completamente apagado, o vídeo

do início da exposição já não toca a muito tempo por causa de problemas simples no projetor.

Quando um museu se compromete a ser interativo e tecnológico como o Cais do Sertão é, a exposição logo perde o sentido quando existem problemas como esse. A equipe do Bom Dia PE chegou a perguntar à Secretaria de Turismo de Pernambuco, atual gestora do museu, sobre essa situação. A EMPETUR apenas lançou uma nota explicando que estão esperando cerca de 5 milhões para o conserto de todos os equipamentos e revitalização da exposição – projeto feito em conjunto com o Porto Digital. (SANTOS 2023)

O Cais do Sertão em menos de uma década saiu do lugar do novo e do moderno e se assentou no do patrimônio cultural aos olhos do poder público, o que significa que já não é mais uma prioridade. Como é um órgão que acabou sendo muito querido pela população, não demorou muito para ser feita a denúncia do descaso com o museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cais do Sertão, apesar de estar inserido dentro do contexto geral do Porto Novo, é uma obra de grande valor cultural e é um museu preocupado com questões regionais e o faz isso de um modo singular.

O centro histórico recifense, apesar das destruições de edifícios patrimoniais, ainda segura seu caráter de núcleo cultural da cidade e o Cais do Sertão ajuda a alimentar esse âmago do bairro.

Mesmo o Cais sendo um equipamento gerido pela Secretaria de Turismo, o museu não é visto como algo que existe somente para turista ver, desprovido de essência. A cultura regional popular é consagrada na exposição *O mundo do sertão* e os recifenses em geral se sentem muito bem representados. Tanto o projeto arquitetônico do museu quanto a expografia foram muito bem analisados para poderem se inserir no contexto em que existem.

O mundo do sertão se utiliza do aparato moderno para dar vida a uma realidade um pouco distante do recifense: o sertão chega ao mar e dá lições sobre pertencimento, do mesmo jeito que o Ocupe Estelita lutou pelo seu direito à cidade, o sertanejo luta pelo seu direito ao sertão.

Os grandes projetos urbanísticos do centro histórico como o Novo Recife, Porto Novo e Porto Novo Recife não deram a ênfase necessária para a população em seus planos. A reestruturação urbana recifense está ocorrendo em nome da iniciativa privada, de grandes empresas e da alta classe do Recife.

O foco em turismo e consumo na reestruturação da urbe pelo poder público vai contra o que a região é atualmente, vai contra o sentido afetivo que ela tem. O centro histórico do Recife é um local de trocas culturais, de movimentação política e de convivência social, princípios vivos no Cais do Sertão.

REFERÊNCIAS

- BOM Dia PE. *Turistas se decepcionam com falta de manutenção e espaços fechados no Museu Cais do Sertão*. Recife: Rede Globo, 16 ago. 2023. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11868134/>>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- BRASIL Arquitetura. *Museu Cais do Sertão* / Brasil Arquitetura. ArchDaily Brasil, 17 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- BRENDLE, B.; VIEIRA, N. M. *Cais do Sertão Luiz Gonzaga no Porto Novo do Recife: Destruição travestida em ação de conservação*. 2012. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.150/4460>>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- BUENO, C. *Ocupe Estelita: movimento social e cultural defende marco histórico de Recife*. São Paulo: Ciência & Cultura, v. 66, n. 4, out./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252014000400003>>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- CANALGOV. *Iniciadas as obras do Cais do Sertão – Memorial Luiz Gonzaga*. YouTube, 30 de dez. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntdGa-O9T_4>. Acesso em: 17 de nov. 2023.
- CNFCP (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular). *Mestre Solon de Carpina*. YouTube, 18 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Oof5Xh8O4L4>>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- FERRAZ, I. G. *Sertão vivo*. [Texto de parede da exposição permanente]. Museu Cais do Sertão, Recife, 2014.
- GRANATO, M.; RIBEIRO, E. S.; SILVA, J. A. *Turismo cultural e museus: percepção de gestores de museus públicos da cidade do Recife – PE*. Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR, Penedo, v. 8, n. 4, p. 183-203, set. 2018.
- HISTÓRIA do museu. *Cais do Sertão*. Disponível em: <<https://caisdosertao.pe.gov.br/historia-do-museu/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- IPHAN. *Patrimônio Arqueológico - Região Nordeste*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/875/>>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- LYRA, C. P. *Do complexo turístico ao cluster de negócios criativos: uma travessia cultural no bairro do Recife*. Pol. Cult. Rev., Salvador, v. 9, n. 1, p. 292-313, jan./jun. 2016.
- MAIA, M. R. *Construção identitária na expografia do museu: ambiente da exposição e receptividade do público no museu Cais do Sertão*. 2017. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MARKMAN, L. *No Recife, projeto imobiliário no Cais José Estelita gera debate acalorado*. G1, 22 mar. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/Recife/noticia/2012/03/no-recife-projeto-imobiliario-no-cais-jose-estelita-gera-debate-acalorado.html>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MARANGONI, F. R. G.; BARBOSA, A. G. *Requalificação da zona portuária e uso do espaço público no bairro do Recife*, Recife-PE. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v. 9, p. 1-20, 2020.

MEDEIROS, I.; SÁ BARRETO, F. *Uma reflexão sobre cidade, conflito e a “ocupação” como léxico da agência política do Recife contemporâneo a partir do Movimento Ocupe Estelita*. Revista Desenvolvimento Social, vol. 26, n. 1, jan./jun. 2021, 28p. Disponível em: <<https://doi.org/10.46551/issn2179-6807v26n1p10-37>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MORAES, C.; MARTÍN, M. *A luta pelo cais José Estelita, no Recife, nas mãos da Cultura*. São Paulo: El País, 29 mai. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/28/politica/1432826822_497228.html>. Acesso em: 22 nov. 2023.

OCUPE Estelita. *Recife, cidade roubada*. YouTube, 18 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

OCUPE Estelita. *Criolo Ocupa Estelita - Sangue no Cais*. YouTube, 6 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GQ8xl_BGSWQ>. Acesso em: 21 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. B. L. *Arquitetura de museus na obra do escritório Brasil Arquitetura: Os casos do Museu do Pão, do Palacete das Artes Rodin Bahia e do Museu Cais do Sertão*. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. 169p.

PORTO Digital. *O que é o Porto Digital*. Disponível em: <<https://www.portodigital.org/paginas-institucionais/o-porto-digital/o-que-e-o-porto-digital>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PORTO do Recife. *Cais do Sertão Luiz Gonzaga será marco arquitetônico do Recife*. Recife: 20 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.portodorecife.pe.gov.br/releases-int.php?id=cais-do-sertao-luiz-gonzaga-sera-marco-arquitetonico-do-recife>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

RISÉRIO, A. (Org.). *Texto-Base: Provocações para um fazer*. Recife: Cais do Sertão, 2012. Disponível em: <<https://caisdosertao.pe.gov.br/publicacoes/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

SANTOS, D. B. M. *O Sertão Virou Mar: Gestão Pública, Equipamentos Culturais e City Marketing no Centro Cultural Cais do Sertão em Recife/PE*. Dissertação (Mestrado em Hotelaria e turismo) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2020. 123p.

SANTOS, M. C. *Sucateado, museu Cais do Sertão espera por investimentos de R\$ 5 milhões*. Recife: Marco Zero, 03 out. 2023. Disponível em: <<https://marcozero.org/sucateado-museu-cais-do-sertao-espera-por-investimentos-de-r-5-milhoes/>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SILVA, J. A. *Políticas públicas para museus: o patrimônio cultural como instrumento de promoção turística na cidade do Recife*. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2018. 149p.

URBAN Systems. *Moinho Recife Business & Life revitalizou o patrimônio no Centro da capital pernambucana*. Urban Systems, 29 jun. 2021. Disponível em: <<https://blog.urbansystems.com.br/moinho-recife-business-life-revitaliza-patrimonio-no-centro-da-capital-pernambucana/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

VIA Legal. *Projeto Novo Recife - Via Legal*. YouTube, 22 mai. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aE_fV919jc0>. Acesso em: 20 nov. 2023.